

Envelhecimento e esporte: um estudo sobre os basqueteiros veteranos da cidade do Rio Grande/RS

Aging and sports: a study on veterans basketball players of Rio Grande/RS

Raquel da Silveira

Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Docente na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), atuando como coordenadora do curso Licenciatura em Educação Física.

Scheila Morais da Rosa

Graduada em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Resumo: Este estudo tem o objetivo de compreender os significados que homens que se encontram na velhice atribuem à prática do basquete em Rio Grande/RS, prática essa que faz parte da história esportiva dessa cidade. Para isso buscamos um grupo de veteranos que praticasse esse esporte, e escolhemos a AVB-RG (Associação de Veteranos de Basquete do Rio Grande). Optamos por fazer uma pesquisa de cunho qualitativo com aspirações etnográficas. Para tanto realizamos dezenove idas a campo e quatro entrevistas por meio de um roteiro semi-estruturado. O grupo pesquisado é formado por aproximadamente vinte cinco integrantes, sendo que dois desses são chamados de diretores técnicos. Ao buscar compreender porque homens que se encontram na velhice participam de um grupo, outras questões surgiram, como por exemplo, a adaptação do jogo com intuito de oportunizar a participação de todos na partida, a relação dos veteranos com os participantes que possuem idades entre 15 a 35 anos, além da questão da inexistência da participação feminina nos jogos. Podemos notar por meio da análise dos resultados obtidos nas observações e nas entrevistas realizadas que a atividade esportiva, no caso o basquete, foi o que uniu esses veteranos, contudo diferentes significados foram sendo atribuídos a essa prática, por exemplo, o sentimento de pertencimento, a homosociabilidade masculina e as relações sociais estabelecidas no grupo que transcendem o esporte.

Palavras-chave: Homens; Velhice; Esporte.

Abstract: This study aims to understand the meanings that men who find themselves in old age attributed to the practice of basketball in Rio Grande / RS, a practice that is part of sports history of this city. For this we seek a group of veterans who practiced this sport, and chose the AVB-RG (Basketball Association of Veterans of the Rio Grande). We opted for a qualitative research with ethnographic aspirations. We realized nineteen trips conducted and four interviews over a semi-structured. The researched group consists of about twenty five members, two of whom are called technical directors. When trying to understand why men who are in the old part of a group, other issues emerged, such as the adaptation of the game aiming at an opportunity to participate in the match of all, the relationship with the participants of the veterans who have aged 15 and 35 years, beyond the issue of lack of female participation in the games. We can tell by analyzing the results obtained in the observations and the interviews that sporting activity, where the basketball was what united these veterans, however, different meanings have been assigned to this practice, for example, the feeling of belonging, "homosociabilidade" male and the social relations established in the group that runs through the sport.

Key Words: Men; Age; Sport.

1 INTRODUÇÃO

Com o aumento da expectativa de vida no Brasil, a população que se encontra na velhice passou a ter mais visibilidade. É possível dizer que os velhos assumiram novas características, a maioria desses, atualmente não fica somente em casa, ou isolados, basta analisarmos ao nosso redor, e perceber que esses indivíduos estão presentes em praticamente todos os locais, pelas ruas, nas praças, nos espaços públicos em geral e em grupos destinados a tal público.

Alguns estudos acadêmicos também mostram essa forma de vivenciar a velhice. Stigger e Silveira (2007), por exemplo, mostram os jogos de bocha que acontecem em um espaço público da cidade de Porto Alegre enquanto uma prática para homens que se encontram na velhice. Já Peixoto (2000) apresenta “o clube dos aposentados do Posto 6” (p. 127) no Rio de Janeiro enquanto um espaço de sociabilidade para os “velhos” (p. 132). E Stigger (1997) realiza um estudo apontando que a prática do futebol veterano em dois espaços públicos da cidade de Porto Alegre é um elemento constitutivo do modo de vida dos homens que praticam esse esporte.

Por perceber que cada vez mais indivíduos, que se encontram na velhice estão presentes em espaços públicos a fim de realizarem práticas corporais, decidimos compreender os significados que homens atribuem à uma prática corporal, o basquete. A escolha do basquete se deu pelo fato de saber que esse esporte faz parte da história esportiva da cidade do Rio Grande, conforme os dados encontrados por França:

Segundo fontes históricas o basquetebol na cidade do Rio Grande surgiu em 1921 no Clube citado acima [Clube de Regatas da cidade do Rio Grande]. A prática sistemática do basquete

foi introduzida em Rio Grande/RS pelo Clube de Regatas, por Ricardo Rist Garcia, rio-grandino que ocupava na ocasião a presidência do clube. Ele trouxe dos EUA os regulamentos e os equipamentos necessários, como bolas, tabelas e outros, que possibilitaram a um grupo de jogadores aprendizes a prática desse esporte. Em 10 de abril de 1921, esse grupo de jogadores proporcionou um primeiro jogo-instrução numa área baldia, próximo à Estação Marítima (zona do Porto Velho de Rio Grande). O esporte era praticado ao ar livre, pois não havia uma quadra coberta. O Regatas só foi ter sua quadra com cobertura na década de 1950 (FRANÇA, 2009, p.11).

Tendo, portanto, o conhecimento da história da prática do basquete na cidade do Rio Grande, a partir do estudo de França (2009), este estudo se focou nos significados que os praticantes de basquete da Associação de Veteranos de Basquete do Rio Grande (AVB-RG) atribuem ao grupo, a prática do basquete e as relações sociais que lá foram construídas. Para tanto utilizamos uma metodologia inspirada na etnografia, cujos instrumentos metodológicos utilizados foram observações participantes, diários de campo e entrevistas.

No próximo tópico desenvolvemos uma breve reflexão sobre as representações da velhice. Após abordamos a metodologia do trabalho e em seguida as análises do universo pesquisado.

2 A VELHICE E SUAS REPRESENTAÇÕES

Para apreender as representações sociais¹ da velhice no Brasil, utilizamo-nos do desenvolvimento e modificações dos significados e sentidos atribuídos aos vocábulos que se propunham e/ou se propõe designar o processo de envelhecimento, descrevendo desde o emprego do vocábulo “velho”, na década de 60, até a utilização da expressão “Terceira idade” - e suas derivações -, nos dias atuais. Essa escolha se

¹ Compreendemos representações sociais enquanto uma forma de conhecimento que é criada e compartilhada socialmente. Ver mais em Junqueira (2005).

deu devido entendermos que esses vocábulos demarcam historicamente diferentes concepções sobre o processo de envelhecimento.

Até os anos 60, existiam alguns termos para designar as pessoas que se encontravam na velhice, contudo, a palavra *velho* era, habitualmente, a mais utilizada no contexto brasileiro. O emprego deste vocábulo não possuía caráter pejorativo ou discriminatório, como acontecia na Europa², sendo o modo de expressão, entonação e conjuntura utilizado é que distinguem o sentido dado a palavra. Um exemplo do uso desta expressão pode ser observado nos documentos oficiais publicados antes da década de 60, onde as pessoas pertencentes a esta faixa etária eram referidas simplesmente como *velhas*.

Em relação a palavra *idoso*, no contexto brasileiro, pode-se considerar que começa a ser empregada, com maior frequência, no final dos anos 60, pois até o momento, este vocábulo, que já existia na língua portuguesa, dificilmente era empregado. Nessa época, contudo, já ocorriam mudanças na imagem da velhice, principalmente na Europa, onde transformações no contexto da política social exigiam uma expressão adequada para designar a nova imagem do aposentado que vinha se constituindo. No Brasil, isso não foi diferente. A palavra *idoso* passa a designar o tratamento mais respeitoso, além de ser referido a pessoas de camadas sociais mais favorecidas (PEIXOTO, 2000).

Pode-se observar, então, que a noção de *idoso* ao ser utilizada no contexto brasileiro, assume papel diferente do vocábulo *velho*, o que acarreta uma ambivalência entre esses termos, e

com isso, “a expressão *velho* assume assim uma conotação negativa, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares, que apresentam, mais nitidamente, os traços do envelhecimento e do declínio” (PEIXOTO, 2000, p. 59).

Além disso, o termo *velho* por estar associado, no uso cotidiano, ao significado de gasto ou de desuso possui uma conotação depreciativa, “podendo ser empregado tanto para pessoas como para objetos” (BATISTA, 2002, p. 96). Para se ter uma idéia da repercussão destas alterações de significados atribuídos aos termos, basta observarmos as modificações dos textos oficiais da época, onde a categoria *idoso* passa a ser utilizada, e o vocábulo *velho*, que até então compunha esses textos, é deixado de lado, pois é identificado como sinônimo de decadência e inutilidade. No entanto, é importante ressaltar que essa mudança na nomenclatura dos textos oficiais, não significa uma mudança na política social relacionada à velhice, e como destaca Peixoto “mudam apenas as etiquetas” (2000, p. 59).

Somente no ano de 1988, com a nova constituição brasileira, é que se relaciona a representação social da velhice com a aposentadoria³. Por um lado, este fato caracteriza-se por ser um direito adquirido que introduz melhorias nas condições de vida das pessoas, por outro, no contexto das sociedades industriais, a velhice e a aposentadoria passam a se caracterizar como o tempo de repouso e de não-trabalho, acentuando de maneira mais enfática, em todos os domínios da sociedade brasileira, a associação entre velhice e decadência.

² Segundo Peixoto (2000), na França “a noção *velho* revela-se, portanto, algo fortemente assimilado à decadência e confundido com a incapacidade para o trabalho: ser **velho** é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres.” (2000, p. 53).

³ Apesar de no Brasil, a primeira concessão ao direito à aposentadoria data de 1890, na qual o Ministério da Função Pública concede aos trabalhadores das estradas de ferro federais o direito à aposentadoria, foi só no ano de 1988, com a nova constituição, que o Brasil reconheceu a dimensão da questão da velhice, estabelecendo o valor da aposentadoria baseado no salário-mínimo (Peixoto, 2000).

Nesta perspectiva, a criação da categoria aposentado proporciona uma nova representação social das pessoas envelhecidas que pode ser identificada, em especial, sob dois aspectos distintos: primeiramente, enquanto um sintoma social do envelhecimento em que a ideologia do trabalho e a apologia da produtividade são destaques, o que acarreta uma atribuição negativa aos indivíduos que estão vivenciando este momento da vida; para outros aposentados, a inatividade remunerada é vista de maneira diferenciada, além de proporcionar mudanças nos hábitos, comportamentos e atitudes, desenvolvendo assim, a imagem de uma aposentadoria ativa e independente. Dessa forma, dissemina-se no Brasil a imagem positiva do velho, juntamente com a proliferação de programas e serviços pautados na mudança de estilo de vida como alternativa para o prolongamento da vida ativa e da melhoria da qualidade de vida. Com isso, “nesse cenário, surge a necessidade de criar um novo vocábulo para designar de maneira mais respeitosa os jovens aposentados, surgindo, então, a terceira idade, sinônimo de envelhecimento ativo e independente” (BATISTA, 2002, p. 98).

A terceira idade, portanto, pode ser identificada como a faixa etária intermediária entre a vida adulta e a velhice, sendo, basicamente, um produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do conseqüente surgimento das instituições e agentes especializados no tratamento da velhice. É importante ressaltar que atualmente, além da expressão terceira idade, diversos termos e expressões foram criados para designar aquelas pessoas que estão vivenciando o envelhecimento. Adulto maduro, pessoa na meia-idade, maturidade, maturidade ativa, idade madura, maior idade, melhor idade, entre outros, são exemplos que demonstram a ampliação de vocábulos destinados a estas pessoas. Então, é

neste sentido que a velhice deixa de ser vista como um problema para a sociedade, pois com a criação da expressão terceira idade - e suas derivações - parte das pessoas expulsas do sistema produtivo e serviços especializados, o que acaba beneficiando o sistema capitalista vigente em nossa sociedade (PEIXOTO, 2000).

Fica evidente que os diversos nomes atribuídos às pessoas envelhecidas, com o decorrer do tempo, demonstram parte de um sistema de representação social da velhice onde ocorrem diversas modificações que contribuem, em certa medida, para a formação de uma imagem diferenciada do processo de envelhecimento perante toda a sociedade, e também, das próprias pessoas que estão vivenciando este período. Desta forma, mais do que tentar estabelecer uma representação única sobre o envelhecimento, é necessário estabelecer uma relação entre a velhice e o contexto social em que se insere, destacando as diferentes maneiras que ela pode ser vivenciada. É a partir dessa compreensão que realizamos a discussão dos dados deste estudo. Mas antes, apresentamos a metodologia do trabalho.

3 METODOLOGIA

Utilizamos nesta investigação os princípios da etnografia, um tipo de pesquisa qualitativa, baseada em um olhar antropológico. Compreendemos o que Geertz já dizia, na sua clássica obra “A interpretação das culturas”, que a prática da etnografia não é apenas estabelecer relações, ir a campo, selecionar informantes, realizar entrevistas, manter um diário ou outras tarefas técnicas que envolvem o fazer etnográfico, pois “o que o define [o fazer etnográfico] é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’” (GEERTZ,

1989, p. 15).

Com base nesse modo de fazer pesquisa comunicamo-nos, primeiramente com Neto⁴ um dos fundadores da AVB-RG, na busca de nos inserir minimamente ao time de veteranos. Após esse contato foi possível realizar 19 idas a campo⁵ as quais resultaram na confecção de diários de campo e entrevistamos 4 integrantes da AVB-RG.

As observações e diários de campo foram fundamentais para estruturar quem seriam os entrevistados e que assuntos eram relevantes para grupo. É importante destacar que os entrevistados foram escolhidos por possuírem especificidades distintas⁶ que chamaram nossa atenção durante as observações.

Todas as entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro semi-estruturado visando garantir determinadas informações importantes ao estudo e dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade ao entrevistado para abordar aspectos que, segundo os mesmos, são relevantes⁷.

No próximo tópico apresentamos o nosso esforço e tentativa de realizar a “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 15).

4 A AVB-RG: UMA BREVE DESCRIÇÃO

A pretensão de um grupo de seis veteranos da cidade do Rio Grande em formar uma associação de jogadores de basquete, a AVB-RG,

teve sua origem em 1991. Isso aconteceu porque esse grupo se reuniu para participar de um campeonato de basquete máster realizado em Santos/SP. Portanto, há 19 anos esse grupo de veteranos pratica o basquete. Atualmente os participantes se reúnem três vezes por semana, em duas escolas públicas da cidade do Rio Grande.

Hoje o grupo é composto por aproximadamente 25 basqueteiros⁸ com idades distintas, essas variam de 15 (um integrante) a 70 anos (um integrante), quanto aos demais a maior parte tem entre 35 e 60 anos, ou seja, a predominância é de veteranos conforme a FBBM (Federação Brasileira de Basquete Máster)⁹. Muitos integrantes se conhecem desde a juventude, ou por jogarem juntos desde essa etapa da vida, ou por participarem dos mesmos campeonatos. Alguns possuem ligações familiares como é o caso dos participantes mais novos, que em sua grande maioria são filhos e/ou netos dos participantes mais velhos. A maioria dos participantes reside no município do Rio Grande, porém há integrantes de cidades vizinhas que viajam especialmente para jogar, por exemplo, o Fernando que viaja de Pelotas/RS até Rio Grande¹⁰.

A maioria dos jogadores são ex-atletas de clubes e escolinhas da cidade do Rio Grande, muitos fazem parte da história do basquete rio-grandino que possui uma história esportiva-cultural muito forte (FRANÇA, 2009). Alguns integrantes jogaram profissionalmente, como

4 Todos os nomes das pessoas investigadas nesta pesquisa foram modificados por questões éticas.

5 As idas a campo tiveram início dia 20 de janeiro de 2010, e finalizaram em 04 de junho de 2010 e cada observação tinha aproximadamente duas horas de duração.

6 Os critérios para a escolha dos entrevistados foram: (1) ser um informante privilegiado; (2) ser um dos veteranos que mais debatia com os outros jogadores, a respeito de faltas e pontuação do jogo; (3) ser o veterano mais assíduo e líder da Associação; e (4) ser um dos veteranos mais velhos do grupo.

7 Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre esclarecido.

8 Termo nativo.

9 “Parágrafo único - Será considerado veterano ou veterana aquele que completar 35 anos (masculino) ou 30 anos (feminino) no ano do campeonato, não havendo restrição quanto à data específica do nascimento do (a) atleta” (Estatuto da FBBM. Retirado do site www.fbbm.org, acessado em 24/09/2010).

10 A distância entre a cidade de Pelotas e Rio Grande é aproximadamente 50 km.

Neto, que participou de inúmeros campeonatos nacionais e internacionais, inclusive foi integrante da seleção brasileira de basquete em 1966.

O grupo possui características que chamam a atenção, por exemplo, a rotatividade por parte dos integrantes mais jovens e a assiduidade dos veteranos. Estes últimos formam o “núcleo duro” (STIGGER, 2002, p. 59), que faz o grupo se manter. A confiança e a manutenção da atividade não seriam possíveis se não existisse o núcleo duro, o qual constitui um subgrupo dentro da AVB-RG, que caracteriza os jogadores que nunca (ou quase nunca) faltam.

Esse grupo de veteranos se assemelha com o *Grupo do Castelo* pesquisado por Stigger (2002), principalmente no que diz respeito ao núcleo duro e por possuir um jogador *carola*¹¹ (Neto) que é aquele jogador que mesmo que não jogue está sempre presente, o comparecimento desse faz com que se tenha certeza de que sempre haverá alguém para as “noites de basquete”¹².

Neto pode ser chamado de *carola* do núcleo duro, esse jogador é singular por possuir essas duas características, é um dos integrantes mais velhos e um dos principais membros do grupo, esse cumpre tarefas essenciais para a existência do mesmo, como por exemplo, é ele quem consegue a quadra para realizar as peladas, por vezes é esse jogador quem leva a bola do jogo, esse integrante também telefona para os companheiros quando necessário avisá-los a respeito das peladas.

Sobre a inserção de novos integrantes ao grupo pode-se considerar que qualquer pessoa que seja adepta ao esporte é bem aceita. Alguns participantes descobriram a AVB-RG por acaso, gostaram e permaneceram. Esse é o caso de Rick

que ao passar em frente em uma das escolas onde acontecem as peladas resolveu perguntar se poderia jogar. Desde que iniciou esse jogador de 26 anos é muito assíduo, característica incomum, comparado aos demais participantes da mesma idade. Em geral os jogadores mais jovens costumam ser menos freqüentes comparando-os aos veteranos.

A seguir iremos abordar duas categorias que, segundo nossas interpretações, expressam os significados atribuídos pelos veteranos a prática do basquete na AVB-RG: a maneira particular de jogar o basquete e a homosociabilidade masculina.

4.1 O jogo na AVB-RG: a tensão agradável e a convivência com os jovens

No mesmo instante que chegamos ao ginásio a pelada¹³ iniciou, e já percebemos que o clima estava tenso, muitas faltas, reclamações e discussões, por ambas equipes durante a partida.(...) Ao término da primeira pelada comentamos com um dos jogadores mais novos, que é filho de um dos veteranos, que hoje a pelada está tensa! Então ele disse: “- é muito velho junto!” (Diário de campo nº 6, dia 08/02/2010).

O jogo na AVB-RG possui algumas particularidades se comparado aos jogos regidos pelas regras oficiais da Confederação Brasileira de Basquetebol. Essas vão desde a escolha daqueles que iniciam jogando até as regras propriamente ditas. Contudo, conforme o trecho de diário de campo citado acima, essas singularidades não impedem que a tensão esteja presente nas partidas realizadas pelos veteranos.

A rotina dos dias de jogos demonstra que apesar do grupo também ser formado por

11 “[...] no âmbito do associativismo em Portugal, o *carola* é um indivíduo fundamental para a existência dos grupos esportivos. Isto pelo seu interesse, dedicação e esforço pessoal no cumprimento de tarefas essenciais à sobrevivência destes grupos” (STIGGER, 2002, p.59).

12 Expressão utilizada pelo jogador Neto para se referir ao encontro do grupo.

13 Os integrantes costumam chamar os jogos de peladas, por se caracterizarem como jogos informais.

integrantes jovens, os veteranos têm a preferência. Um exemplo são as composições das equipes para iniciarem a partida, sempre os dez jogadores mais velhos têm prioridade. Além disso, é a equipe mais velha que adquire o direito da posse de bola para iniciar o jogo.

No que refere à distribuição das equipes, além do aspecto da idade há também o critério de nivelção técnica. Conforme as observações realizadas, identificamos que havia um cuidado em formar times equilibrados para que houvesse jogos disputados. Dessa forma pode-se dizer que a AVB-RG se assemelha em certos aspectos com o grupo SOERAL¹⁴ investigado por Silveira e Stigger (2007), e pelo grupo da Redenção¹⁵ pesquisado por Stigger (1997) que também visavam manter o equilíbrio entre as equipes com a finalidade de manter a “tensão agradável” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 143) nos momentos de jogo.

Apesar da estrutura descrita acima há outras especificidades no que se refere à organização e atuação dos times em quadra. Por exemplo, a equipe vencedora permanece na quadra após o vigésimo ponto, já a equipe derrotada deve dar lugar aos integrantes que estão aguardando no banco de reservas, caso tenha apenas duas pessoas esperando, saem os dois jogadores mais novos da equipe que perdeu, a não ser que espontaneamente algum veterano deseje sair, outro integrante poderá substituí-lo. Durante nossas observações percebemos que a troca de equipes se convertia em um momento de sociabilidade, pois os jogadores que ficavam no banco além de fazerem gozações com os demais, eles conversavam sobre vários assuntos que iam além do basquete.

Outra característica que chama a atenção é entrosamento do grupo durante os jogos. Mesmo com a rotatividade dos integrantes nas equipes os

passes errados de bola entre os jogadores são praticamente inexistentes. Interessante destacar que eles não usam coletes, ou alguma vestimenta que possa diferenciar uma equipe da outra.

Mesmo com essas particularidades como rotatividade de integrantes e sem padrões em relação às roupas, os integrantes se entendem bem no decorrer dos jogos. Contudo, o fato do grupo jogar sem a presença de um árbitro permite discussões ao longo das partidas. Todos os basqueteiros possuem autonomia para opinar a respeito de lances, faltas, entre outros. As faltas durante os jogos estão presentes, na maioria das vezes há discussões a respeito dessas, mas quase sempre quem sofreu a falta é contemplado. Porém a força argumentativa presente nas discussões torna-se decisiva. Édson, durante uma observação, comentou que a “catimba” é que dá emoção no jogo. Sendo assim a AVB-RG se assemelha com o grupo Ararigbóia pesquisado por Stigger (1997), pois ambos os grupos valorizam o “jogo das palavras” (STIGGER, 1997, p. 55), para questionar faltas, lances, e até mesmo para acalmar os ânimos.

Os jogos possuem a característica de serem equilibrados, e isso acontece também porque as habilidades e experiências dos veteranos são mescladas com a agilidade e a vontade de aprender dos jovens. Os veteranos acreditam que os mais jovens representam a continuidade do grupo. Caetano quando questionado a respeito da interação entre jovens e veteranos que é:

muito, muito importante, porque obriga as pessoas mais idosas a estar mais bem preparadas, a correr mais, a disputar mais, porque eles fazem esse tipo de disputa e nós que já sabemos através da nossa experiência também ajudamos eles mostrando muitas vezes que o basquete não é só chegou ali e arremessou e ganhou. (Caetano, entrevistado em: 19/08/2010).

14 Grupo de veteranos que jogava bocha em Porto Alegre/RS, ver mais Silveira, 2007.

15 Grupo de veteranos que jogava futebol em Porto Alegre/RS, ver mais Stigger, 1997.

Mesmo o grupo tendo o cuidado de proporcionar jogos equilibrados a todos os participantes, a vontade de ganhar também está presente. Durante as entrevistas ficou claro que o objetivo dos jogadores é vencer, esse objetivo foi mencionado na maioria dos depoimentos dos entrevistados, por exemplo, no trecho a seguir: “Vencer, sempre!! Se ao final não conseguir vencer tudo bem, aceito. No esporte um ganha e outro perde, mas eu acho assim entrou na quadra, até nas peladas é para vencer” (Caetano, entrevistado em: 19/08/2010).

A relação dos veteranos com os participantes mais jovens também acontece através de relações de aprendizagem do basquete. Alguns jogadores mais velhos auxiliam os jovens em certas limitações técnicas ou táticas do jogo. Caetano, Cláudio e Neto se destacam por possuírem uma boa relação com os mais jovens. Eles fornecem conselhos e dicas que na maioria das vezes são aceitas. É rotineiro durante os jogos esses jogadores dizerem aos mais novos “quem sabe tu faz dessa maneira, para melhorar teu arremesso...” (Diário de campo, nº 13, dia 07/05/2010). Durante a entrevista que realizamos com Caetano esta relação de aprendizagem também é contemplada: “pela experiência que eu tenho sempre ajudo os outros a fazer esse tipo de arremesso aqui, mas não é um treino” (Caetano entrevistado em 19/08/2010).

A partir do que foi escrito acima podemos dizer que o jogo de basquete da AVB-RG possui, ao menos, dois significados importantes para os veteranos. Um relacionado ao jogar propriamente dito, em que o equilíbrio das partidas e a vontade de vencer são constituintes das noites de basquete. E um segundo significado são as diversas relações sociais e esportivas que os velhos do grupo estabelecem com os jovens, desde as relações de aprendizagens até a esperança da continuidade do basquete na cidade do Rio Grande/RS.

4.2 Homosociabilidade masculina na AVB-RG: o prazer de “bater bola e falar bobagem”

Se deixar as mulheres jogarem, como vai ser? Será que a gente vai ter o mesmo prazer de vir aqui? Bater bola e falar bobagem? (Édson, entrevistado em: 07/07/2010).

Durante todas as nossas observações apenas em dois dias as esposas de alguns integrantes estiveram presentes. Nas primeiras idas a campo percebemos que vários acharam nossa presença estranha, e essa estranheza é apresentada, por exemplo, na entrevista realizada com Édson, “[...] a primeira vez que entrei e te vi lá, ué? Será que é a namorada de algum jogador, quem é...? Parente de alguém? Porque dificilmente alguém vai”. (Édson entrevistado em 07/07/2010). A partir desses fatos a não presença de mulheres fez com que tivéssemos interesse por investigar o porquê dessa ausência.

A fala de Édson, citada acima, demonstra que a inclusão de mulheres na AVB-RG pode modificar desde os jogos de basquete até as conversas e os prazeres que aquele espaço proporciona. Para outros integrantes essa participação feminina no grupo também é questionada. Neto quando perguntado se elas poderiam jogar na AVB-RG, responde: “Mas acho que não é por aí, jogar junto não, mas se tivesse um time feminino de basquete sou favorável” (Neto, entrevistado em: 15/07/2010). Neto relata que acha interessante mulheres praticarem basquete, desde que essa prática seja entre elas. Este mesmo jogador aponta que alguns participantes vêm a pelada que acontece na AVB-RG enquanto um espaço de lazer exclusivo dos homens, onde a participação das mulheres colocariam em dúvida a manutenção desse espaço.

Com essas constatações utilizamos o conceito de “homosociabilidade” (MENNESSON,

2005, p. 194) para compreender essas relações do grupo. Segundo Mennesson¹⁶ esse conceito refere-se às relações sociais que são estabelecidas entre pessoas de um mesmo sexo que constroem regras, normas e valores particulares em seus momentos de sociabilidades. Caso tivesse entre esse grupo uma pessoa de outro sexo, essas regras, normas e valores não seriam os mesmos. Para a autora esse conceito também está atrelado a discussão de gênero, pois para que a homosociabilidade aconteça é importante as pessoas compartilharem “normas particulares de gênero”¹⁷ (MENNESSON, 2005, p. 194).

No grupo pesquisado percebemos que apesar das diferenças nas formas dos participantes vivenciarem suas masculinidades, principalmente expressas entre os mais velhos e os mais novos, o fato de todos serem homens, se destaca. Ressaltamos que os entrevistados são unânimes em afirmar que o basquete não é um esporte masculinizado, contudo ficou perceptível que possuir algumas características hegemonicamente masculinas são importantes. Dentre essas características a habilidade técnica e o “jogo de corpo”¹⁸ servem enquanto argumento para a resistência por parte dos integrantes em relação à participação das mulheres. Na fala de Édson é perceptível essa questão: “não haveria problema em jogar com mulheres, desde que essas possuíssem o mínimo de técnica, para o jogo acontecer” (Édson entrevistado em 07/07/2010).

Alguns integrantes relatam que as mulheres não jogam por falta de interesse, ou por não haver o número de jogadoras suficientes para realizar o jogo, como a seguir na fala de Marcos:

[...] acho que aqui em Rio Grande se quisessem fazer um grupo, um grupo de senhoras hoje né? Jogar basquete, bater uma bolinha uma vez, duas por semana acho que teria gente

suficiente pra isso, só que não tem mobilização e nem interesse, acho eu (Marcos, entrevistado em: 14/07/2010).

Nos depoimentos dos entrevistados ficou evidenciado uma oposição em relação a participação feminina, ao contrário da aceitação dos jovens (do sexo masculino) no grupo, mesmo eles sendo infreqüentes e nem todos apresentarem habilidades no que diz respeito a técnica. Os participantes mais velhos acreditam que a liberdade que todos possuem em relação ao comparecimento e o espaço que é aberto aos mais jovens, marcam o *ethos* esportivo do grupo, que se caracteriza por flexível. Porém esse *ethos* esportivo também está demarcado pela relação de homosociabilidade masculina, em que o jogar e as regras informais para permanecer no grupo perpassa o ser homem.

Portanto a não presença das mulheres e também o estranhamento quando essas aparecem nos locais dos jogos demonstra que um dos significados do grupo para os participantes está atrelado ao fato de todos serem homens. Diversos foram os condicionantes levantados pelos participantes da AVB-RG para explicar a ausência delas, desde questionamentos sobre suas habilidades técnicas até a falta de interesse. Contudo o que mais chamou nossa atenção foi a preocupação dos participantes com o fato das mulheres poderem prejudicar o espaço de sociabilidade masculina que se constituiu naquele universo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das observações e análises realizadas, a pesquisa nos fez perceber diferentes maneiras de vivenciar a velhice, a partir de uma

¹⁶ A autora utiliza esse conceito para compreender as relações de sociabilidade em um time de futebol feminino na França.

¹⁷ No original: “normes de genre particulières”.

¹⁸ Termo nativo que se refere ao contato corporal que muitas vezes acontece nos jogos de basquete.

prática esportiva que historicamente faz parte da cidade do Rio Grande/RS. O jogar basquete na AVB-RG permite aos participantes vivenciarem o processo de envelhecimento com tensões agradáveis proporcionadas pelo jogo propriamente dito, pelas relações que estabelecem com os mais novos e pela homosociabilidade masculina.

Ficou evidenciado que os significados atribuídos ao jogo de basquete transpassam a simples prática do esporte, já que para muitos dos integrantes, a sociabilidade estabelecida no grupo é mais significativa e importante que o próprio jogo, sendo esse o principal motivo atribuído a manutenção e atividade do grupo.

Portanto o trabalho serviu para analisar a velhice de uma maneira distinta a que a sociedade está habituada. Além de apresentar o esporte por outra perspectiva, com um olhar diferente que ultrapassa o rendimento e a performance, ainda que essas características tenham sido percebidas no grupo, o grau de relevância demonstradas na valorização das relações sociais e o sentimento de pertencimento superam a do desempenho e resultados das equipes.

Desta forma o trabalho se tornou relevante, pois foi possível rever certos conceitos sobre velhice e esporte, que em geral são reducionistas. Logo acreditamos que estudos como esse sejam importantes, uma vez que possibilitam que os indivíduos tenham outros olhares a respeito de práticas esportivas e a velhice.

6 REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria da Conceição Araújo. **A relação governo e sociedade na gestão da política pública de esporte e lazer no governo do estado-Gestão 1999-2001: Analisando o projeto "Idosos em movimento"**. Dissertação

(mestrado), UFP, Recife, 2002.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992, p.299-325.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASQUETEBOL MASTER. **Estatuto da Federação Brasileira de Basquetebol Master**. Disponível em: < www.fbbm.org> Acessado em: 24/09/2010.

FRANÇA, Mateus Trevisan. **Memórias do basquetebol na cidade do Rio Grande (RS)**. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física/FURG, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1989.

JUNQUEIRA, Lília. A noção de representação social na sociologia contemporânea. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 10, n. 18/19, p. 145-161, 2005.

MENNESSON, Christine. **Être une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre**. Paris, França. L'Harmattan, 2005.

PEIXOTO, Clarice E. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2000.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Espaço de jogo – Espaço de envelhecimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n.1, p. 177-192, 2007.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Revista Movimento**, Porto Alegre, n. 7, p. 52-66, 1997.

Correspondência:

Autora: Raquel da Silveira

Endereço: Rua Fahum Nader Fares, 795, Cassino, Rio Grande-RS.

CEP: 96208-190

E-mail: raqkarate@hotmail.com

Recebido em 11 de dezembro de 2010.

Aceito em 11 de janeiro de 2011.